

Dor e amargura após a tragédia

Davi Zocoli

Delegado quer agilizar laudo

LUÍS AUGUSTO GOMES

O delegado Edmar José dos Santos, da 12ª DP (Taguatinga), que investiga o acidente ocorrido na manhã de terça-feira, no canteiro de obras do metrô no cruzamento da Avenida Elmo Serejo com a DF-457, em Taguatinga, quando um bate-estaca da empresa Geoservice, Geotecnia e Fundações caiu em cima de um ônibus da empresa Sol, matando três pessoas e ferindo outras vinte, solicitou ontem ao diretor do Instituto de Criminalística (IC), Marcos Henrique, prioridade na conclusão do laudo pericial de levantamento do local do acidente. O laudo vai apontar a causa da tragédia.

Ele disse que algumas testemunhas estão sendo intimadas a prestar depoimento assim como as vítimas que sofreram lesões leves. Só depois de ouvir todos os envolvidos é que o inquérito será concluído e o laudo é fundamental porque vai indicar a dinâmica do acidente.

O diretor do (IC) informou que os trabalhos dos peritos devem apontar três etapas distintas para a causa da tragédia. A primeira é o exame no bate-estaca, os detalhes operacionais, o ônibus e todo o quadro do fato sobre a ótica do acidente. A segunda fase é a análise do que ocorreu e a terceira são as conclusões para indicações dos resultados finais.

Vítimas que escaparam com vida do acidente em obra do metrô lutam para esquecer os momentos de angústia e desespero

Comissão de Direitos Humanos da OAB dará amparo jurídico para famílias de mortos e pessoas feridas moverem ação

ADRIANA BAUMGRATZ
e RICARDO CINTRA

Três dias após a tragédia do metrô, a família de João Pereira da Silva Neto, 27 anos, uma das vítimas fatais do acidente, ainda vive momentos de dor e desalento. A mãe está desconsolada. A irmã, Marilene Albuquerque da Silva, pretende vender o apartamento, localizado em frente ao canteiro de obras do metrô, na tentativa de apagar da memória tanto sofrimento e acordar do pesadelo vivido desde a última terça-feira. Nem consegue ir até à janela. É como se visse a figura do irmão ainda no ônibus, seguindo mais cedo para o trabalho, tentando escapar do acidente.

Após esses dias de amargura, pretende ingressar com uma ação indenizatória na Justiça, contra o GDF e o consórcio de empresas responsável pela obra.

A família também quer apoiar outras que ficaram desamparadas e procurar ajuda da Justiça simultaneamente. É o caso do cabo PM Antônio Donizete Moreira, 45 anos, outra vítima fatal. "Já ocorreram tantos acidentes aqui, eles tinham que ter

isolado uma das faixas. Houve falha", lamenta Marilene. Traumatizada também está uma das sobreviventes do acidente. Maria da Cruz de Souza, 34 anos, moradora da Ceilândia Norte, acha que nasceu de novo.

O banco em que estava, na parte traseira, foi o único que acabou não sendo atingido pela máquina. Maria diz que viu tudo. Acompanhou a agonia dos passageiros que tentaram escapar do peso do bate-estaca, trabalhadores que estavam a seu lado, e não pôde fazer nada. Uma das barras atingiu suas pernas. Só houve tempo para proteger a cabeça. Maria é outra vítima que vai acionar a Justiça. Planeja ir ao Instituto de Medicina Legal (IML) para fazer os exames necessários. "Se não recorrermos, fica por isso mesmo. Já pensou se aquilo caísse no meio do ônibus?", questiona ela, que não consegue dormir. Os feridos que ainda estão em observação também não se conformam. "Como é que pode acontecer isso?", pergunta Marineide Diniz, que quebrou a

perna e está usando muletas.

A Comissão de Direitos Humanos da seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) no DF está acompanhando a tragédia que matou três pessoas e deixou um saldo de 20 feridos, no canteiro de obras nº 21 do metrô, em Taguatinga. A garantia é do presidente da OAB, Safe Carneiro. "Um acidente dessa natureza deve ser previsto para que nunca ocorra. Envolveu pessoas inocentes. Isso não pode acontecer. Houve alguma desatenção", argumenta Safe. Segundo ele, as famílias das vítimas poderão mover ações indenizatórias.

Apesar do atraso que será provocado pelo embargo de parte das obras do metrô, na estação 21 no trecho que liga Ceilândia a Taguatinga, em consequência do acidente desta terça-feira, a Brasmetrô acredita que a obra ainda pode ser entregue este ano, como está previsto. A direção da empresa está certa que esse problema vai atrasar o cronograma estipulado em algumas semanas.



MARINEIDE Diniz disse que nasceu de novo ao escapar com vida